

# **O trabalho imaterial como potencial transformador nas redes digitais**

## **Immaterial labor as transforming potential in digital networks**

### **Tarcisio Torres Silva**

Pesquisador do Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, Brasil.  
tartorres@gmail.com

### **Abstract**

Given the transformations in the working relations after automation, immaterial labor has becoming the main economic activity of an increasing number of people all over the world. Executed at any time and at any place, this type of labor surrounds citizens' lives completely, contributing to biopower practices operating over them. On the other hand, given the fact it is connected to subjectivity and disseminated in digital networks, the immateriality of this labor cannot be completely controlled, which makes it also a form of resistance.

### **Keywords**

Immaterial labor, Biopolitics, Internet, Mobile communications, Activism.

Data de presentació: novembre de 2011

Data d'acceptació: desembre de 2011

## **PARADOXOS DO TRABALHO IMATERIAL**

O trabalho imaterial é o tipo de relação produtiva que marca a nossa época. Em função da automatização industrial e da realocação das linhas de produção para áreas com mão de obra farta e barata, o trabalho, principalmente nas áreas mais desenvolvidas do planeta, volta-se para a produção de conhecimento e para a prestação de serviços. Segundo Hardt e Negri (2005), este tipo de trabalho é caracterizado como aquele que “cria produtos imateriais, como o conhecimento, a informação, a comunicação, uma reação ou uma relação emocional” (idem: 149).

Este momento em que vivemos de hegemonia do trabalho imaterial é comparado pelos autores ao que aconteceu com o trabalho industrial há 150 anos. Naquela época, como nesta, as relações de trabalho são definidas a partir da produção concentrada numa pequena parcela do globo, exercendo hegemonia sobre todas as outras formas de produção. Viver sob a hegemonia do trabalho imaterial sob esse ponto de vista significa, portanto, sentir a necessidade inerente da priorização de alguns fatores, tais como: informatização, inteligência, comunicação e afetos. Assim, o indivíduo que trabalha produzindo informação (o jornalista, o pesquisador, o professor) e os que produzem afetos (os assistentes sociais, os psicólogos, os atendentes), incentivados pelos dispositivos de biopoder, vivem o trabalho 24 horas por dia. Não diferenciam mais trabalho, lazer e espaço privado. Todos se confundem e toda e qualquer ação é mediada pela possibilidade de otimizar o potencial produtivo do trabalho imaterial. Tudo se volta para o trabalho imaterial.

Funcionando através de um emaranhado de conexões por meio do qual se dão as trocas relativas ao trabalho imaterial, as redes digitais de comunicação reinam plenamente na sociedade contemporânea. Conhecimento e afetos são compartilhados continuamente, otimizando a velocidade da produção e evitando a realização da mesma tarefa (o retrabalho) em lugares distintos. Neste aspecto, a internet e a comunicação móvel são plenamente utilizadas pelas estratégias de biopoder que agem sobre o trabalho imaterial, pois colaboram com a velocidade das trocas de conteúdos e participam no armazenamento de informações privadas dos usuários. Contribuem ainda na relativização geográfica do espaço e do tempo de trabalho, que passa a ser feito de qualquer lugar para qualquer lugar em qualquer horário.

Lazzarato e Negri (2001) mostram ainda que o trabalho imaterial está completamente imerso dentro do processo de comunicação social, pois a produção da era pós-industrial do trabalho (o conhecimento, os afetos), é realizada por meio da comunicação e da linguagem. Se entendermos a comunicação como produção de subjetividade, notamos que o mercado apropria-se desse processo para dele se beneficiar. Assim, os comunicadores entendidos pelo poder econômico como consumidores são incentivados a participar ativamente das práticas de comunicação, contribuindo com suas produções e suas subjetividades ao sistema. Há uma readequação do processo, onde a relação autor-reprodução-público é transformada segundo as relações econômicas que a massificam e a industrializam, transformando o público em consumidor. O conteúdo gerado pelos usuários através das mídias digitais (user-generated content) é assim rapidamente apropriado pela economia ao ser favor.

Brasil e Migliorin (2010) observam que esse tipo de incentivo gera, por exemplo, a crescente apropriação de imagens produzidas por amadores pelo jornalismo da grande mídia, fundindo o “consumo” com “formas de vida”, num processo em que a empresa de comunicação edita e normatiza conteúdos audiovisuais produzidos por pessoas que vivem no ambiente retratado e que têm propriedade de experiência sobre as imagens capturadas. Esse aspecto estético das imagens amadoras explicaria para os autores o súbito interesse da mídia por imagens não profissionais desse tipo.

## **POTENCIAIS DO TRABALHO IMATERIAL**

Apesar da constatação das forças econômicas que atuam sobre as subjetividades dentro da sociedade pós-industrial, Lazzarato e Negri (op.cit.) defendem é que a própria constituição do trabalho imaterial que também possibilita a busca de alternativas ao sistema, pois a transformação da comunicação em mercadoria não extingue totalmente a relação de criação nele existente. Isso faz com que o trabalho imaterial adquira autonomia e seja hegemônico na sociedade, pois opera no nível da subjetividade. Se no trabalho de massa da sociedade industrial, o empresário era capaz de controlar o corpo, a organização e o tempo do trabalhador, com o trabalho imaterial isso não mais se estabelece. O instrumento de trabalho passa a ser o intelecto e a capacidade subjetiva do trabalhador, que lhe pertence e o acompanha. Ele independe do tempo e do controle do empresário. O que este faz é procurar se aproveitar desse recurso, mas não tem sobre ele total controle. Assim, para os

autores, “o trabalho imaterial não se reproduz (e não reproduz a sociedade) na forma de exploração, mas na forma de reprodução da subjetividade” (idem: 30).

Hardt e Negri (op.cit) também apostam no potencial das redes de comunicação para promover a libertação das amarras biopolíticas. Da mesma forma como servem aos interesses dominantes, as redes também podem funcionar como elementos de resistência. Os autores sinalizam o aparecimento de novas forças presentes no mundo contemporâneo que visam um novo tipo de espaço democrático. Para isso, exploram a idéia de multidão, elemento nascido a partir da globalização e que se apresenta como uma alternativa aos controles determinantes do biopoder pelo potencial de funcionar sob uma lógica de resistência. A multidão aparece como uma alternativa em meio à crise do Estado e da hegemonia do biopoder e se define a partir da colaboração de indivíduos em redes de comunicação.

Ao mesmo tempo em que trabalham pela busca do comum, os participantes da multidão mantêm suas singularidades. O conceito proposto pelos autores trata-se de um projeto novo, ainda não totalmente definido, mas que pode ser entendido como uma alternativa às estratégias de biopoder, uma vez que suas práticas alimentam a busca crescente pela democracia. Trata-se também um elemento múltiplo e que age em redes de comunicação.

Esse potencial investido na multidão se justifica, na opinião dos autores, justamente pelas características do trabalho imaterial e das redes de comunicação. Se o trabalho imaterial inicialmente favorece os centros mundiais de produção de conhecimento, por outro lado a imaterialidade do trabalho também gera fatores que podem contribuir positivamente para a reordenação da sociedade contemporânea.

As características desse tipo de trabalho fomentam a vontade de trocar e compartilhar o conhecimento, o que irá caracterizar, por exemplo, a organização em rede de diversos tipos de aglomerados sociais. Este fator aponta ainda para uma qualidade positiva, o que Hardt e Negri (ibid) chamam de “devir biopolítico da multidão”. Assim, como resposta aos instrumentos de biopoder acionados pelo Estado, a “produção biopolítica” trabalhará com instâncias que envolvem diversos aspectos da vida, geram relações sociais e formas de vida concretas. Extrapola as relações entre “governo e governados” (hierarquia) na medida em que incentiva formas colaborativas de trabalho.

A produção biopolítica, manifestada através da comunicação em rede feita pela multidão, também colabora para o resgate da comunicação direta entre os indivíduos. Para Foucault (2008), esta função original da comunicação foi perdida quando o Estado e a economia capitalista produziram indivíduos que foram retirados das comunidades e jogados para as massas. Usando o estado nazista como exemplo, o autor lembra que ao invés de trocarem mensagens diretas, os indivíduos sob o comando do Estado nazista se tornaram mais dependentes de mensagens de massa centralizadas. Sobre esse aspecto, ele vai afirmar que:

“Capitalism and bourgeois society have deprived individuals of direct and immediate communication with each other and they are forced to communicate through the intermediary of a centralized administrative apparatus. They have therefore reduced individuals to the state of atoms subject to an abstract authority in which they do not reorganize themselves. (...) this bourgeois and capitalist economy has doomed individuals to communicate with each other only through the play of signs and spectacles”. (Foucault, 2008: 113).

Considerando que o que Hardt e Negri (op.cit.) estão propondo é também uma forma de reorganização nas comunicações, o conceito de multidão conecta-se ao modo como Foucault pensa a comunicação. O que foi transformado e reprimido pelo capitalismo durante a sociedade industrial de massa pode ser resgatado e colocado em prática novamente. Ora, se entre as características das tecnologias de comunicação digital nós encontramos a descentralização, a participação e a colaboração, parece que de fato novas práticas de comunicação colaboram com o enfraquecimento do poder do Estado, o qual foi concebido sob a idéia do completo controle da comunicação. Se isso já não se faz mais verdadeiro, formatos alternativos de comunicação podem surgir. Isto é o que tem sido observado nos últimos anos em diversos movimentos sociais.

Hardt e Negri (op. cit.) citam o movimento militante italiano conhecido como “Macacões Brancos” (Tute Bianche). O movimento surgiu como protesto em resposta à precarização do trabalho no país. Deste modo, no lugar dos antigos macacões azuis dos trabalhadores industriais, os jovens italianos da década de 90 utilizaram os macacões brancos como símbolo dessa condição “invisível” das novas relações de trabalho, sem contratos fixos e nenhum tipo de segurança. O apelo estético do movimento juntou-se às causas de outros

movimentos e fez várias visitas ao México para dar apoio ao movimento zapatista. Os autores vêem essa atitude do grupo como um exemplo do espírito da multidão por entender que seus membros buscaram associações globais baseadas no compartilhamento do comum. Entre os jovens trabalhadores italianos e a população indígena mexicana, em comum havia o fato de ambos os grupos serem vítimas da mobilidade espacial e a flexibilidade temporal impostas pela economia neoliberal.

Os protestos do grupo iniciaram-se tendo como motivação principal a precariedade da condição de trabalho na Itália, mas depois as causas se estenderam para outras esferas, como conflitos de guerra (Kosovo) e a globalização. O grupo sofreu forte abalo em um protesto em 1999 contra o G8 em Gênova. Neste episódio, o ativista Carlo Giuliani foi morto pela polícia italiana depois que o grupo invadiu a zona vermelha de segurança (red zone). Depois disso, os protestos deixaram de mirar os centros de poder internacional, destinando-se seus esforços para outras questões. (Raparelli, 2011).



Figura 1. Movimento dos Macacões Brancos (Tute Bianche)

Com a crise econômica de 2008, novas manifestações apareceram por todo o mundo em protesto à impotência dos Estados em lidarem com os tropeços da economia. Cortes nos gastos públicos em diversos setores, desemprego e o sentimento generalizado de falta de perspectivas para o futuro levaram estudantes e trabalhadores a protestarem em diversos países, principalmente naqueles onde a crise foi mais direta e evidente, os países desenvolvidos.

No mesmo ano, um movimento chamado "A Onda" (Wave) surgiu na Itália em resposta aos cortes feitos em investimento em educação e cultura no país. A estratégia do grupo foi a de invadir em "ondas" espaços públicos como ruas e

estações de trem a fim de bloquear a cidade e torná-la intransitável. Raparelli (op.cit.), ao descrever sobre o movimento, esclarece que a idéia era a de bloquear aquilo que nunca pode parar, ou seja, o fluxo de pessoas e mercadorias na cidade. O slogan do movimento, "If you block our future, we will block the city ", traz uma interessante relação com o trabalho imaterial, pois valoriza a cultura e o conhecimento, representados pelos estudantes e trabalhadores recém-formados, mostrando que estes são capazes de bloquear as ruas, impedindo o fluxo normal da economia de uma cidade.

A precariedade do trabalho e a falta de perspectiva para os estudantes fizeram surgir outro movimento dentro do "A Onda", o chamado "Book Block", que agregou um elemento estético à estratégia de bloquear as ruas ao colocar participantes "armados" com escudos em formato de livros com títulos de autores clássicos como Maquiavel, Deleuze e Spinoza. A mensagem estética proposta por esse novo grupo é bastante emblemática para entendermos a velocidade com que se tem multiplicado as relações de trabalho imaterial e as conseqüências dessa multiplicação.

Uma juventude educada e preparada para o mercado de trabalho encontra-se numa situação em que a economia os coloca sem perspectivas de trabalho e em situação de insegurança e precariedade em função da informalidade e dos contratos temporários. A exploração do trabalho imaterial chega a um limite em que a única saída é "proteger-se por meio do conhecimento" e reivindicar novas condições de trabalho. Em um vídeo preparado pelo grupo que mostra a ação nas ruas e como construir um "livro-escudo"<sup>3</sup>, lemos um dos lemas do grupo que diz "culture is our defense against governments that ruin it"<sup>4</sup>.



Figura 2. Book Block

<sup>3</sup> [http://www.youtube.com/watch?v=0pAea8o\\_\\_b8&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=0pAea8o__b8&feature=player_embedded)

<sup>4</sup> A cultura é nossa defesa contra governos que a destroem. (Tradução própria).

Esta opção do grupo de usar como elemento estético o poder do conhecimento representado pelas capas dos livros foi forte o suficiente para inspirar estudantes em outras cidades da Europa como Londres, o que fez com que protestos similares fossem organizados. O que é interessante perceber é como as relações de trabalho precárias, um dos motivos principais dos protestos, têm como proteção simbólica o próprio conhecimento. É a mesma relação que estabelecem Hard e Negri (op. cit.) quando nos dizem que no meio ambiente onde se dão as relações de biopoder pode haver reações em formato de produção biopolítica. Quando os estudantes dizem que é a cultura que vai protegê-los, efetivamente o fazem de forma simbólica nas ruas.

Raparelli (op. cit.) mostra a conexão existente entre o movimento Tute Bianche e o Book Block, estabelecendo relações entre as práticas de conflito e comunicação representadas pelos dois movimentos. São duas gerações de manifestantes separadas por cerca de 10 anos que testemunharam grandes avanços na evolução das tecnologias de informação e comunicação. Além disso, o autor enfatiza o momento político que coloca os novos protestantes em uma posição particular com relação à economia que os envolve. Trata-se de uma força de trabalho com contratos de trabalho temporários que se ressentem com a falta de perspectiva futura. Novamente, do ponto de vista simbólico, a conexão dos dois momentos feita pelo autor também é significativa. Se os “macacões brancos” remetiam ainda que abstratamente a um trabalho fabril, exercido sob a dominação de uma empresa, os livros-escudos do Book Block mostra a total imaterialidade que representa as relações de trabalho contemporâneas. A repercussão na grande mídia e a disseminação da forma de articulação do protesto por outras partes do mundo coloca o movimento nessa dupla condição que permeia as relações atuais de biopoder.

Da mesma forma como o trabalho imaterial é vulnerável às condições impostas pela economia, ele também cria alternativas e mostra-se vivo dentro das redes de comunicação. Seu potencial de criação é mostrado por meio da opção estética do grupo e da personalização da ação (produção de subjetividade) observada quando, por exemplo, o manifestante “personaliza” seu escudo com o título de livro que para ele é o mais significativo para mostrar o que o protesto representa.



## CONCLUSÕES

Procuramos mostrar neste trabalho que existe um campo de tensão que permeia o trabalho imaterial. De um lado, a bandeira neoliberal que dá suporte à permanência das práticas de biopoder e de outro, a retomada do poder da comunicação representada pela multidão em rede. Esse entendimento sobre as forças econômicas globais que agem sobre os indivíduos e sua experiência de trabalho nos auxilia a compreender melhor os motivos pelos quais ocorreram as insurgências discutidas durante nossa argumentação.

Identificamos que as forças das relações do trabalho imaterial estão presentes nas ações de grupos que dão ênfase a elementos estéticos em suas ações, cujo produto final são produções audiovisuais amadoras que circulam pelas redes de comunicação. Ao observarmos tais práticas, podemos elencar possíveis respostas que a autonomia do trabalho imaterial apresenta frente às forças biopolíticas que procuram domar a produção da subjetividade na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, A.G. & MIGLIORIN, C. A. (2010) *Biopolítica do amador: generalizações de uma prática, limites de um conceito*. São Paulo: Galaxia. Nº 20, pp. 84-94.

FOUCAULT, M. (2008) *The Birth of Biopolitics. Lectures at the Collège de France*. 1978-79. New York: Palgrave MacMillan.

HARDT, M & NEGRI, A. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record.

LAZZARATO, M. & NEGRI, A. (2001) *Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A.

RAPARELLI, F. (2011) *From Tute Bianchi to the Book Block: the Italian movement and the coming European insurrection*. Through Europe, 23 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://th-rough.eu/side-projects/tute-bianche-book-bloc-english-transcript>>